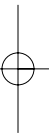


A R T I G O S

## Sob o manto diáfano da fantasia: os Cristos de Eça



É preciso destacar que  
nem os escritores  
contemporâneos de Eça,  
nem os que vieram depois,  
foram tão fundo  
na revisão e crítica  
que fizeram  
da imagem de Cristo  
e do papel da Igreja  
na sociedade portuguesa  
de então.

**Aparecida de Fátima  
Bueno**  
Universidade de São Paulo

Não há dúvida de que Cristo e a religião são questões em evidência na obra de Eça e centrais em pelo menos dois de seus romances: *O Crime do Padre Amaro* e *A Relíquia*. Sem falar nas *Lendas de santos*, onde a religiosidade e a religião cristã estão em foco. Entretanto, o que se pretende discutir, são as várias facetas que, enquanto personagem, Cristo assume na obra queiroziana, ou seja, em especial, nos contos «A morte de Jesus», «O suave milagre», e no romance *A relíquia*.

A primeira vez que Eça elege Cristo como personagem de uma de suas narrativas é em «A morte de Jesus», publicado inicialmente na *Revolução de Setembro*, entre 13 de abril a 8 de julho de 1870 e considerado inacabado pelos exegetas da obra eciana<sup>1</sup>. Em 1887, é publicada *A Relíquia*. Por fim, a última versão de *O Suave Milagre*<sup>2</sup> é de 1898. Nesses três momentos, a imagem que se constrói de Cristo é bastante controversa.

«A morte de Jesus» narra as memórias de um homem, Eliziel, que na juventude foi capitão de polícia do Templo. Já «velho e inclinado para a sepultura»<sup>3</sup>, como diz,

<sup>1</sup> Cf. MATOS, A. Campos (org. e coord.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2.<sup>a</sup> ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 1993. p. 621.

<sup>2</sup> «Este conto surge pela primeira vez num volume intitulado *Um Feixe de Penas*, (...) publicado em 1885 (...). O seu título é aí de *Outro Amável Milagre*. Uma segunda versão surge na *Revista Cor de Rosa*, Lisboa, 5-2-1897, com o título *Um Milagre*. A última versão é a da *Revista Moderna*, de Paris, que o publica sob a designação de *O Suave Milagre*, em 25-12-1898.» (MATOS, 1993, p. 885-886).

<sup>3</sup> QUEIROZ, Eça. A morte de Jesus. In: *Eça de Queiroz. Obra Completa*. (org. Beatriz Berrini). Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 1436.

APARECIDA DE FÁTIMA BUENO

decide registrar um episódio de sua vida, do tempo em que foi soldado, quando conheceu Jesus de Nazaré. Preocupado em «que se não perca a lembrança daquele homem justo e bom», é que ele procura «dizer com simplicidade e verdade tudo quanto vi e compreendi da sua vida, tão breve pelos dias, tão longa pelas dores»<sup>4</sup>.

Dois famosos episódios bíblicos são narrados por Eliziel e marcam de maneira especial o seu relacionamento com Jesus: o da expulsão dos vendilhões do Templo e o da absolvição da mulher adúltera. Nos dois casos, Eliziel compactua com as atitudes de Jesus, com o fato de, *com uma palavra simples e genial*, este revelar a *hipocrisia duma raça ferida na sua essência*. Com isso, passa a admirá-lo ainda mais e o procura na esperança de que Jesus se transforme na «regeneração de Israel»<sup>5</sup>:

– Eu digo que és um homem justo e uma elevada consciência das coisas divinas. Digo que és um homem mandado providencialmente, num tempo humilhado e vil, para erguer as almas, desmascarar as hipocrisias, vingar a pátria! Penso que se tens de ter uma ação no mundo, essa deve ser insurgir-te contra a aristocracia do Templo, contra este espírito estreito de Jerusalém, contra este culto pagão das tradições, contra o fariseu e contra o romano, ser o consolador e ser o vingador!<sup>6</sup>

O Jesus personagem, fiel à imagem fixada pela ortodoxia, discorda de todas as palavras de Eliziel e, para terminar a discussão, diz «Vai-te: o meu reino não é deste mundo!...»<sup>7</sup>. O conto termina a seguir com o Rabi retornando à Galiléia. Tudo leva a crer que realmente ficou inconcluso, pois, apesar de o título ser «A morte de Jesus», não narra esta morte, mas apenas alguns momentos da vida de Cristo sob a óptica de um soldado do Templo.

Já em *A relíquia*, a presença de Jesus ganha destaque sobretudo no sonho que Teodorico Raposo, narrador-protagonista da história, tem com a Paixão de Cristo. A visão de Jesus revelada nesse sonho é bastante rebaixada. A absolvição da mulher adúltera, por exemplo, é considerada pelos adversários de Jesus como uma forma de escamotear a sua licenciosidade. Assim, eles argumentam: «quando o Rabi Jeschoua, desprezando a Lei, dá à mulher adúltera um perdão que tanto cativa os simples, cede à frouxidão da sua moral e não à abundância da sua misericórdia!»<sup>8</sup>.

A maneira nova de registrar o episódio da expulsão dos vendilhões do Templo, por sua vez, também contribui para esse processo de rebaixamento, já que Teodorico mostra Jesus cometendo uma injustiça social, ao favorecer os mercadores ricos, que podem pagar o aluguel do Templo, e expulsar os pobres, que vendiam à entrada do Pórtico, por não o poderem pagar. É justamente a estes, principais alvos da pregação de Jesus e que são defendidos no Evangelho, é sobretudo aos pobres que o Cristo de *A relíquia* prejudica. A reação de Teodorico, de compaixão pelo drama de um desses miseráveis expulso por Jesus, e que pede esmola para tentar matar a fome de sua família, o leva a tomar a decisão de «consertar» esse erro de seu deus:

<sup>4</sup> QUEIROZ, 1997, p. 1437.

<sup>5</sup> QUEIROZ, 1997, p. 1465.

<sup>6</sup> QUEIROZ, 1997, p. 1467.

<sup>7</sup> QUEIROZ, 1997, p. 1470.

<sup>8</sup> QUEIROZ, Eça. *A Relíquia*. In: *Eça de Queiroz. Obra Completa*. (org. Beatriz Berrini). Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 842.

Bati no peito, desesperado. E a minha angústia toda era por Jesus ignorar esta desgraça, que, na violência do seu espiritualismo, suas mãos misericordiosas tinham involuntariamente criado, como a chuva benéfica por vezes, fazendo nascer a sementeira, quebra e mata uma flor isolada. Então para que não houvesse nada imperfeito na sua vida, nem dela ficasse uma queixa na terra – paguei a dívida de Jesus (assim seu Pai perdoe a minha!), atirando para o saído do velho moedas consideráveis (...).<sup>9</sup>

Entretanto, o momento máximo desse rebaixamento, e conseqüente dessacralização, ocorre na nova versão que Teodorico dá para a morte de Cristo. Ele descobre que foi dado a Jesus um vinho narcotizado, para simular a sua morte, que os seus amigos roubam depois o seu corpo para reanimá-lo, mas fracassam e Jesus acaba morrendo. A saída encontrada então é enterrá-lo incognitamente, pois «Era necessário, para o bem da terra, que se cumprissem as profecias!»<sup>10</sup>, deixando o outro túmulo, em que havia sido colocado de início, aberto e vazio.

Essa versão da morte de Jesus é, nas páginas de *A relíquia*, a responsável pela crença na ressurreição, nega, portanto, a divindade de Cristo, que ele seja o Messias e filho de Deus. Com isso, afirma que a base sobre a qual se tem sustentado o Cristianismo não passa de uma «lenda inicial», e que esta religião nasce graças a uma farsa, mesmo que essa farsa tenha sido, talvez, involuntária. É Topsisius quem sintetiza para Teodorico essa situação:

– Teodorico, a noite termina, vamos partir de Jerusalém!... A nossa jornada ao Passado acabou... A lenda inicial do cristianismo está feita, vai findar o mundo antigo!

(...)

– Depois de amanhã, quando acabar o Sabbath, as mulheres de Galiléia voltarão ao sepulcro de José de Ramata, onde deixaram Jesus sepultado... E encontram-no aberto, encontram-no vazio!... «Desapareceu, não está aqui!...» Então Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém – «ressuscitou, ressuscitou!» E assim o amor de uma mulher muda a face do mundo, e dá uma religião mais à humanidade!<sup>11</sup>

Diferentemente de *A relíquia* e de «A morte de Jesus», em «O suave milagre» Cristo quase não aparece em cena. A história desse conto também se passa nos tempos bíblicos, porém, ao contrário dos outros dois textos, «O suave milagre» é narrado na terceira pessoa, e, como informa o narrador, conta um período da vida de Jesus anterior aos que aparecem em *A relíquia* e «A morte de Jesus»: «Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galiléia e das doces, luminosas margens do Lago Tiberíade: mas a nova dos seus Milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivais e vinhedos, no país de Issacar.»<sup>12</sup>

<sup>9</sup> QUEIROZ, 1997, p. 961.

<sup>10</sup> QUEIROZ, 1997, p. 988.

<sup>11</sup> QUEIROZ, 1997, p. 989.

<sup>12</sup> QUEIROZ, Eça. O suave milagre. In: *Eça de Queiroz. Obra Completa*. (org. Beatriz Berrini). Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 1617.

APARECIDA DE FÁTIMA BUENO

Dois homens ricos e poderosos, sabendo dos feitos de Jesus, mandam seus servos em busca desse novo profeta, para que o encontrem e o tragam até eles, pensando assim solucionar seus problemas pessoais. Um deles, Obed, duma família pontifical de Samaria, e o outro, um centurião romano chamado Publius Septimus, comandante do forte que dominava o vale de Cesaréia, da cidade ao mar. Ambos usam o dinheiro, o poder ou a força que possuem para requestar Jesus, mas os servos e os soldados enviados para o encontrar não obtêm sucesso, apesar de a fama do Rabi, como diz o narrador, «radiantemente, como uma alvorada por detrás de serras», crescer «consoladora e cheia de promessas divinas»<sup>13</sup>.

Todavia, uma pobre mulher e o seu filho aleijado, que vivem num casebre entre Enganim e Cesaréia, ficam sabendo, através de um mendigo, dos prodígios realizados por Jesus. O mendigo também lhes conta que o Rabi da Galiléia apenas aparece aos «ditos que o desejo escolhia», já que os ricos e poderosos, como Obed e Septimus, em vão mandaram emissários em sua busca. Ao tomar conhecimento dessas histórias acerca desse Rabi fabuloso, a criança manifesta seu desejo de vê-lo. Ao contrário do empenho frustrado de Obed e Septimus para que Jesus viesse até eles e intervisse a seu favor, basta que esta pobre criança manifeste a sua vontade, para que Jesus lhe apareça e diga, sorrindo, «Aqui estou»<sup>14</sup>.

O *Suave Milagre* termina desta maneira e, apesar de a participação de Jesus na trama, enquanto personagem, ter sido mínima, este conto reproduz, de maneira similar, uma das imagens de Cristo que foi fixada pela ortodoxia: a de pai dos fracos e dos oprimidos. No discurso do narrador ressalta também a maneira extremamente lírica e elevada com que descreve tanto a Palestina daquele tempo, como as referências aos passos e feitos de «um novo Profeta, um Rabi formoso», que «percorria os campos e as aldeias da Galiléia, predizendo a chegada de Deus, curando todos os males humanos»<sup>15</sup>.

Pela exposição feita, pode-se observar que nos contos a imagem de Jesus não contradiz a da tradição bíblica, enquanto em *A Relíquia* não apenas se nega essa tradição como o Cristo que aparece nas páginas do romance encontra-se bastante rebaixado. A primeira questão que parece relevante é entender o porquê dessa diferença de tratamento dado à figura de Jesus. As datas em que as obras foram publicadas parecem não auxiliar muito, já que «A morte de Jesus» foi escrito em 1870, muito próximo de um período bastante combativo na vida de Eça e de sua geração, período de intensa atividade anticlerical, que foi o das Conferências do Casino Lisbonense.

Todavia, é preciso considerar que, mesmo em *A Relíquia*, apesar do rebaixamento a que a imagem de Cristo é submetida, há alguns momentos em que Teodorico revela admiração por Jesus e destaca o que considera algumas de suas qualidades. Quando o vê pela primeira vez, durante o julgamento no Pretório, diz:

Achei-me inexplicavelmente anterior nos tempos. Eu já não era Teodorico Raposo, cristão e bacharel (...). E aquele homem não era Jesus, nem Cristo, nem Messias – mas apenas um moço de Galiléia que, cheio dum grande sonho, desce de sua verde aldeia para transfigurar todo um mundo e renovar todo um Céu (...).<sup>16</sup>

<sup>13</sup> QUEIROZ, 1997, p. 1620.

<sup>14</sup> QUEIROZ, 1997, p. 1623.

<sup>15</sup> QUEIROZ, 1997, p. 1617.

<sup>16</sup> QUEIROZ, 1997, p. 949-950.

Se, nesse momento, para ele, «aquele homem não era Jesus, nem Cristo, nem Messias», por outro lado, esse *moço da Galiléia* (palavras com que o designa) – subtraído todo o peso que a História e a Religião atribuíram a seu nome – vem de qualquer jeito para *transfigurar todo um mundo e renovar todo um Céu*. É impossível não reconhecer nessas palavras de Teodorico a profunda impressão que lhe causa o responsável por tal missão.

Há ainda uma outra passagem em que o sobrinho de D. Maria do Patrocínio revela sua admiração pela figura de Jesus. Caminhando a esmo, Raposo acha-se num sítio em que encontra uma «árvore ilustre», de onde extrairá a relíquia que pretende levar à tia. Tece então as seguintes considerações:

É que me encontrava certamente diante duma árvore ilustre! Fora um galho igual (o nono talvez) que, arranjado outrora em forma de coroa por um Centurião romano da guarnição de Jerusalém, ornara sarcasticamente, no dia do suplício, a cabeça de um carpinteiro da Galiléia, condenado... Sim, condenado por andar, entre quietas aldeias e nos santos pátios do Templo, dizendo-se filho de David e dizendo-se filho de Deus, *a pregar contra a velha Religião, contra as velhas Instituições, contra a velha Ordem, contra as velhas Formas!*<sup>17</sup>

Não é essa bandeira – a mesma que coloca aqui nas mãos de Cristo – que Eça e seus companheiros de geração levantaram ou, ao menos, almejavam para si no período talvez mais combativo de suas vidas que foi o das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense? Não foi justamente *contra a velha Religião, contra as velhas Instituições, contra a velha Ordem, contra as velhas Formas*, que eles se revoltaram? Parece não haver dúvida de que há aqui uma proximidade entre os ideais que pertenceram um dia ao jovem carpinteiro da Galiléia, pelo menos como Jesus está sendo visto nesse momento em *A relíquia*, e os que tomaram para si, numa determinada fase de suas vidas, Eça e sua geração.

António José Saraiva destaca que certas qualidades humanas, morais (não divinas nem transcendentais), atribuídas a Cristo, exerceriam forte sedução sobre Eça<sup>18</sup>. Apesar disso, não há como negar que esse personagem aparece representado, na obra do escritor português, de maneiras distintas, e que o Cristo de *A Relíquia* tem, de um modo geral, um tratamento bastante rebaixado, se comparado aos de «A morte de Jesus» e de «O suave milagre». Talvez isto se explique porque Eça, neste romance, parece pretender mais do que criticar a Igreja laica e materialista de então – crítica essa que ele já havia realizado, com bastante sucesso, aliás, em *O Crime do Padre Amaro*. O seu objetivo, em *A relíquia*, parece ser ir mais fundo: pôr abaixo o próprio Cristianismo, revelando que ele se erige sobre uma fraude. Que crítica maior poderia ser feita à *velha Religião* do que aquela que revela que as suas estruturas basilares estão fundadas numa mentira?

É preciso também ressaltar que nessas duas passagens em que Jesus não aparece rebaixado, ele está sendo tratado como um *moço* ou um *carpinteiro* da Galiléia. O que se valoriza nesses momentos é o homem que viveu essa história, e não o *Jesus Cristo (divino e transcendente)* da Igreja e da tradição. Pode-se pensar que, ao não ser nomeado como Jesus Cristo, o personagem de Eça está sendo despojado dos atributos que estão

<sup>17</sup> QUEIROZ, 1997, p. 922. Os itálicos são nossos.

<sup>18</sup> Cf. SARAIVA, António José. *As Ideias de Eça de Queiroz*. 2. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1982. p. 84-85.

APARECIDA DE FÁTIMA BUENO

associados a seu nome e que estão relacionados diretamente com o conteúdo ideológico do Cristianismo.

De qualquer modo, o que se depreende da leitura dos diversos Cristos de Eça é que ele parece separar, em alguns momentos, as imagens de Jesus Cristo e da Igreja Católica. Salvar as imagens de Jesus, parece ser um de seus objetivos. Ou seja, o escritor reservaria, sempre que possível, uma imagem positiva para o herói do *Novo Testamento* e sua mensagem, mas cobrando dele o empenho revolucionário, como ocorre em «A morte de Jesus» e nos dois momentos vistos acima em *A relíquia*. Afinal, naqueles dois trechos o que se destaca é que o *moço da Galiléia* vem com o objetivo de *transfigurar todo um mundo* e que o *carpinteiro* é condenado por *pregar contra a velha Religião, contra as velhas Instituições*, etc. Portanto, o que se destaca mais uma vez, quando se quer elevar Jesus, é o caráter revolucionário de sua atuação.

Para completar essa reflexão, vale a pena rever uma passagem de *A cidade e as serras*. Nela, Jacinto e José Fernandes discutem, do alto da Basílica do *Sacré-Coeur*, a respeito da Cidade, «augusta criação da Humanidade», como ironicamente a define o narrador. Nas críticas que então fazem, sobretudo dando ênfase aos problemas sociais que se acumulam nesse espaço, José Fernandes imagina que só o surgimento de «um milagre novo, mais alto que os milagres velhos», poderia converter novamente as almas:

O burguês triunfa, muito forte, todo endurecido no pecado – e contra ele são impotentes os prantos dos Humanitários, os raciocínios dos Lógicos, as bombas dos Anarquistas. (...) Eis pois a esperança da terra novamente posta num Messias!... Um decerto desceu outrora dos grandes Céus; e, para mostrar bem que mandado trazia, penetrou mansamente no mundo pela porta dum curral. Mas a sua passagem entre os homens foi tão curta! Um meigo sermão numa montanha, ao fim duma tarde meiga; uma repreensão moderada aos Fariseus que então redigiam o *Boulevard*; algumas vergastadas nos Efrains vendilhões; e logo, através da porta da morte, a fuga radiosa para o Paraíso! Esse adorável filho de Deus teve demasiada pressa em recolher a casa de seu Pai! E os homens a quem ele incumbira a continuação da sua obra, envolvidos logo pelas influências dos Efrains, dos Trêves, da gente do *Boulevard*, bem depressa esqueceram a lição da Montanha e do lago Tiberíade – e eis que por seu turno revestem a púrpura, e são bispos, e são papas, e se aliam à opressão, e reinam com ela, e edificam a duração do seu Reino sobre a miséria dos sem-pão e dos sem-lar! Assim tem de ser recomeçada a obra da Redenção. Jesus, ou Gautama, ou Cristna, ou outro desses filhos que Deus por vezes escolhe no seio duma Virgem, nos quietos vergéis da Ásia, deverá novamente descer à terra de servidão. Virá ele, o desejado?<sup>19</sup>

Nessa fala de José Fernandes também aparece uma profunda admiração por esse Messias, que vem para pregar uma *nova Ordem* e expulsar os novos *vendilhões*. Se os prantos dos Humanitários, os raciocínios dos Lógicos, as bombas dos Anarquistas, como diz, são impotentes contra o *endurecido burguês*, a única saída que considera é o retorno

<sup>19</sup> QUEIROZ, Eça. *A Cidade e as Serras*. In: *Eça de Queiroz. Obra Completa*. (org. Beatriz Berrini). Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 530-531.

desse *desejado*. Afinal, os representantes dos valores legados por Cristo, os *Bispos* e os *Papas*, estão aliados à opressão e reinam ao lado dela. Tudo indica que realmente essa geração se transformou nos *vencidos da vida*, pois apenas uma solução miraculosa, como a volta de um *filho de Deus*, ou fantástica – a de um novo D. Sebastião – é vista como capaz de solucionar as crises desse século.

É importante registrar que no trecho acima o episódio bíblico da expulsão dos vendilhões tem conotação positiva, de maneira semelhante como ocorre em «A morte de Jesus». Já em *A relíquia* esse mesmo episódio aparece de maneira negativa, sendo mais uma forma utilizada pelo narrador para criticar Jesus, como se comentou anteriormente. Talvez o que ajude a entender os diferentes modos como esse episódio bíblico é retratado na obra eciana relaciona-se com as facetas que assumem, em cada um desses textos, os vendilhões do Templo. Em «A morte de Jesus», os expulsos pelo Rabi são os mercadores e, em *A cidade e as serras*, os burgueses. De fato, pode-se pensar que no caso desses dois textos os vendilhões representam, de certa forma, a «classe burguesa», que se pretende neles criticar. Tanto no conto como em *A cidade e as serras*, Jesus, de certo modo, terça armas para lutar contra uma classe que oprime justamente aqueles que, segundo as narrativas evangélicas, ele vem defender, isto é, os pobres. Portanto, ele destaca-se sobretudo por ser um homem de ação, um revolucionário que luta contra os poderosos e opressores, os *Efrains* e os *Trèves*, que cada época é capaz de produzir.

Já em *A relíquia*, Jesus expulsa os mercadores pobres, enquanto os ricos acabam sendo beneficiados por sua atitude. Neste romance, como já foi dito, mais do que combater a Igreja laica e opressora, é a própria história do Cristianismo que é posta em xeque. Por isso, o Cristo precisa aqui ser rebaixado, dessacralizado, e nenhum de seus atos deve servir para glorificá-lo, pois para se demolir essa Instituição, fundada sob as legendas que narram as ações excepcionais e falam da existência sobrenatural de Jesus, há que denunciar a falibilidade desses atos e não apenas negar, mas demonstrar que essa existência sobrenatural, penhor de sua divindade, se funda numa fraude.

É preciso considerar, também, que Eça retrata Cristo em momentos distintos da vida deste. Tanto em «A morte de Jesus» como em «O suave milagre» são narrados episódios da vida do Rabi anteriores à Paixão; anteriores, portanto, ao início da Igreja Católica, Instituição que, em *A relíquia*, se quer mais do que criticar, como se tem destacado. Eliziel está preocupado com o Cristo revolucionário, que vem para libertar o seu povo do jugo romano e da influência opressora dos velhos partidos aristocráticos judaicos:

– Rabi, Rabi, depois do fariseu, será a vez do romano! Tu serás o maior da Judéia: terás glorificado o pobre, terás humilhado o rico, terás aniquilado o hipócrita, terás expulso o romano: serás pela justiça igual a Ezequiel, pela força igual aos Macabeus: serás como David, terás a Palestina desde o Jordão até ao mar, e serás o rei de Israel.<sup>20</sup>

É esse Cristo que vem para resgatar o pobre e o oprimido, condenar os ricos, aniquilar o sacerdócio corrompido, expulsar o romano, que vem, portanto, para promover uma verdadeira revolução nessa sociedade, é esse Cristo revolucionário que se quer no conto «A morte de Jesus». Já em «O suave milagre», se não surge um Cristo bran-

<sup>20</sup> QUEIROZ, 1997, p. 1469.

APARECIDA DE FÁTIMA BUENO

dindo as armas, ele, entretanto, desprezará ou ignorará tanto a força da aristocracia religiosa, representada pelo velho Obed, que é, como já foi dito, de uma família pontifical de Samaria, como também o poderio do opressor estrangeiro, personificado no centurião romano Publius Septimus. Ambos, a aristocracia sacerdotal e o comandante a serviço do dominador, independente do poder ou força que possuam, têm seus apelos ignorados por Jesus, que só aparece, como foi visto, à pobre e miserável criança doente e a sua mãe.

Em *A relíquia* os tempos são outros. Não é essa velha sociedade que se quer destruir, mas a *nova* sociedade, que se erigirá, de certo modo, a partir da antiga, com a corrupção dos ideais pregados por Jesus Cristo. Sob essa perspectiva, a sociedade contemporânea de Eça parece não estar tão distante da de outrora, pelo menos do modo como Eça de Queiroz a registrou em sua obra. Os *novos vendilhões* de *A Relíquia*, se não comercializam mais os animais oferecidos em sacrifício, traficam, no entanto, com as relíquias consideradas sagradas, praticam a simonia descaradamente, com anúncios nas folhas públicas e a aquiescência e o aval do sacerdócio corrompido. Tanto é assim que Raposo imagina – caso tivesse tido a *coragem de afirmar* que a camisa de dormir da Mary era uma prenda dada a ele por Santa Maria Madalena, e que a carta da amante era de fato um agradecimento da santa pelas orações, dirigidas a ela, e feitas por ele – Teodorico imagina que se caso tivesse *gritado, com segurança*, que essa era a verdade, que teria o reconhecimento da Igreja, seria beatificado e herdaria os bens da tia:

E quem o duvidaria? Não mostram os santos Missionários de Braga, nos seus sermões, bilhetes remetidos do Céu pela Virgem Maria, sem selo? E não garante a *Nação* a divina autenticidade dessas missivas, que têm nas dobras a fragrância do paraíso? Os dois sacerdotes, Negrão e Pinheiro, cômicos do seu dever, e na sua natural sofreguidão de procurar esteios para a Fé oscilante – aclamariam logo na camisa, na carta e nas iniciais, um miraculoso triunfo da Igreja! A tia Patrocínio cairia sobre o meu peito, chamando-me «seu filho e seu herdeiro». E eis-me rico! Eis-me beatificado! O meu retrato seria pendurado na sacristia da Sé. O Papa enviar-me-ia uma Bênção Apostólica, pelos fios do telegrafo.<sup>21</sup>

Ou seja, participariam dessa comédia, imaginada por Teodorico, dos sacerdotes menores até o Papa; e por mais absurda que essa história pudesse parecer, seria possível que ele a engendrasses, já que ela poderia ser avalizada, do mesmo modo que o são os bilhetes, sem selo, remetidos do Céu pela Virgem Maria.

*A relíquia* foi uma obra de início bastante rejeitada pela crítica, que via nela um momento menor do trabalho do escritor português. No entanto, é preciso destacar que nem os escritores contemporâneos de Eça, nem os que vieram depois, foram tão fundo na revisão e crítica que fizeram da imagem de Cristo e do papel da Igreja na sociedade portuguesa de então.

<sup>21</sup> QUEIROZ, 1997, p. 1032-1033.